

RELATOS DA MINHA ALDEIA TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA

Priscila Amaral de Jesus

Para conseguir me formar, tive muitas dificuldades pois tinha que sair da aldeia para estudar em outra cidade e ficava um mês fora de casa, mas conseguir e hoje atuo como professora da minha comunidade.

Minha mãe é a primeira cacique mulher da nossa comunidade e através desse exemplo de mulher que a cada dia me inspira em lutar pelos nossos direitos que infelizmente ainda só constam no papel. Que garante aos índios a suas terras, mas na verdade a nossa realidade é completamente diferente. Ainda vivemos constantemente com o preconceito da sociedade que nos rodeia a cada dia.

Mas pedimos proteção aos nossos antepassados através do nosso *poranci* que nos guie nessa caminhada que a cada dia fica mais difícil. O nosso povo sofre com discriminação e desrespeito com a nossa cultura. Mas apesar dessa triste realidade seguimos reafirmando a nossa cultura e a nossas tradições. Desde muito tempo o nosso antepassado sofreu com os jesuítas que aqui nos encontraram achando que eram donos das nossas terras.

De donos se tornaram invasores onde muitos dos nossos parentes perderam suas vidas por lutar pelos seus direitos. Lembro muito bem quando a minha avó Amotara relatava para nós o sofrimento que a bisavó dela passou para que sua casa não fosse destruída, pois quando os jesuítas chegaram eles obrigavam os nossos antepassados a carregar enormes pedras para a construção da Igreja que muitos deles não aguentavam e morriam pois de sede e de cansaço.

Ainda na porta da minha vó se encontra uma das pedras, que o tio da minha bisavó morreu na porta dela deixando a grande pedra que os nossos antepassados tinham que carregar para construir a Igreja que foi feita pelos nossos antepassados. Essa Igreja Nossa Senhora da Escada ainda se encontra aqui na aldeia de Olivença, ela é feita de pedra e óleo de baleia. Hoje ela é aberta para visitantes.

Minha avó ainda relatava que na construção da Igreja os nossos parentes deixaram uma gruta secreta que entrava por essa gruta e saía na praia dos milagres onde muitos ainda sobreviveram pois entravam nesse esconderijo e fugiram pra não serem mortos.

Outro fato que minha avó relatava e cada vez mais que ela relatava sempre se emocionava, pois relembra a tamanha brutalidade que fizeram com o nosso povo.

Foi uma légua de corpos indígenas estirados na praia do Cururupe minha avó dizia que água do rio era alvinha e com o acontecimento a água se tornou turva avermelhada. Muito triste esse acontecimento. Foi sobre o grande massacre do nosso povo.

O massacre do rio Cururupe onde nosso povo teve que lutar contra a construção da ponte do rio Cururupe para que eles não tivessem ligamento com a aldeia.

Segundo os anciões, a “Revolta de Marcelino”, nome dado ao que ocorreu, foi porque ele não queria que fosse construída a ponte sobre o rio Cururupe. Os nossos anciões relatam que Marcelino era um grande líder

Tupinambá, ele lutava em prol do seu povo lutando para a não construção da ponte, pois ele não queria que os nossos parentes indígenas tivessem contato com os invasores e que as terras fossem invadidas por eles.

Os anciões explicam que Marcelino era um “índio bom, que ajudava a todos os parentes, mas mesmo assim era considerado um lampião, um criminoso já que ele passou a incomodar, e começou organizando o movimento indígena a reivindicar e lutar pelos seus direitos”.

Os mais velhos contam ainda que Marcelino era o único índio que sabia ler e escrever e isso incomodava os governantes daquela época.

A luta de Marcelino era a necessidade de recuperar as terras do nosso povo e de expulsarem os novos ocupantes da aldeia de Olivença. Por causa de suas lutas, passou a ser procurado pela polícia que maltratava e torturava os nossos parentes para darem conta de Marcelino. Eles cortavam orelhas, dedo, queimavam as nossas ocas, eram várias torturas.

Enquanto isso Marcelino fugia mata adentro, comendo farinha seca e peixe, os parentes ficavam preocupados sem saber seu paradeiro, mas sabiam que Marcelino conhecia a aldeia toda e sabia se esconder e sempre pedia proteção aos guias da natureza.

Marcelino se escondia na Serra das Trempes e sempre mudava de comunidade pra não deixar pista sempre se escondia em tocas. Depois de muitas buscas, os policiais descobriram um dos esconderijos e começaram a buscar por ele.

Foi quando muito machucado e sem ter o que comer, a polícia descobriu o seu paradeiro. Então armaram uma cilada e um dos tiros acertou a perna de um dos tenentes. A polícia então recuou, mas Marcelino vendo o sofrimento dos parentes que eram maltratados e torturados pelos policiais para que dessem conta dele, então acabou se entregando.

Passou um tempo preso e depois conseguiu fugir e se esconder de novo na Serra das Trempes. Depois disso, soube-se que o pegaram e deram o sumiço nele. Até hoje ninguém sabe seu paradeiro e o que fizeram com ele.

Lembro de cada palavra e de cada lágrima que caía do rosto da minha avó Amotara relatando esses episódios. Esse massacre hoje é conhecido como “Martírio dos Índios Tupinambá de Olivença”, que continuamos essa caminhada em memória aos nossos antepassados para que não fiquem no esquecimento esses tristes acontecimentos.

Essa caminhada acontece sempre no último domingo do mês de setembro onde toda as comunidades indígenas se reúnem nessa grande caminhada. Saímos da praça da aldeia de Olivença e andamos até o rio Cururupe. Hoje reivindicamos que nossas terras sejam demarcadas, uma educação diferenciada e de qualidade, onde possamos trabalhar com dignidade e respeito.

Nessa caminhada ao rio Cururupe deixamos marcas de um povo que relembra um fato histórico de genocídios indígenas. E buscando sempre que nossos direitos sejam sempre cumpridos. Onde a esperança prevaleça de um país melhor e sem preconceitos raciais.



Priscila Amaral de Jesus da etnia Tupinambá de Olivença, meu nome indígena é Tawany e significa flor. Moro na aldeia de Olivença. Sou professora, mãe de três kurumins que são meus filhos e graduada em Ciências Humanas e Sociais.